

O Feminino e o Místico como identidade de Guiné-Bissau na poética de Odete Semedo "NO FUNDO DO CANTO"

Alexandre António Timbane¹ 

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Antônia Valdilene Rocha de Souza² 

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Dossiê | Dossier | Dossier

DOI do artigo: 10.22481/odeere.v7i1.10364

RESUMO

O lugar da mulher na cultura e nas tradições africanas, especialmente dos povos bantu tem sido um desafio, uma vez que por um lado temos a ancestralidade que se manifesta pela cultura e por outro a modernidade trazida pelo ocidente por meio da colonização ou da interação com outros povos. Esta pesquisa tem como objeto o estudo do livro "No Fundo do Canto" de Odete Semedo, com a finalidade de analisar a representação do feminino e do místico como identidade cultural da Guiné-Bissau. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com objetivo descritivo-exploratório e procedimento documental. Quanto aos procedimentos metodológicos identificamos trechos de nove poemas da obra "No Fundo do Canto" que remete ao feminino e ao místico como marcas da identidade da Guiné-Bissau através dos significados construídos por meio da língua crioula, em especial. O corpus foi analisado à luz dos teóricos do porte de Augel (2005), Hall (2006), Semedo (2011), Bâ (1982), Cá e Timbane (2021) e Manuel e Timbane (2018). Concluiu-se que a presença feminina está atrelada ao místico e remete ao poder feminino, como também demonstra características culturais de Guiné-Bissau, tendo a língua como propiciadora de formações léxico-semânticas que remetem as culturas do país.

Palavras chave: Feminino. Místico. Língua. Identidade. Guiné-Bissau.

The Female and the Mystic as Guinea-Bissau's identity in the poetics of Odete Semedo "NO FUNDO DO CANTO"

ABSTRACT

The place of women in African culture and traditions, especially of the Bantu peoples, has been a challenge, since on the one hand we have the ancestry that is manifested by the culture and on the other the modernity brought by the West through colonization or interaction with other people. This research has as its object the study of the book "No Fundo do Canto" by Odete Semedo, in order to analyze the representation of the feminine and the mystical as a cultural identity of Guinea-Bissau. It is a qualitative approach research, with a descriptive-exploratory objective and documental procedure. As for the methodological procedures, we identified excerpts from nine poems from the work "No Fundo do Canto" that refers to the feminine and the mystical as marks of the identity of Guinea-Bissau through the meanings constructed through the creole language, in particular. The corpus was analyzed in the light of theorists of the size of Augel (2005), Hall (2006), Semedo (2011), Bâ (1982), Cá and Timbane (2021) and Manuel and Timbane (2018). It was concluded that the female presence is linked to the mystic and refers to female power, as well as demonstrates cultural characteristics of Guinea-Bissau, having the language as a provider of lexical-semantic formations that refer to the cultures of the country.

Keywords: Female. Mystic. Tongue. Identity. Guinea Bissau.

Submetido em: 27/02/2022 | Aceito em: 15/04/2022

¹ Doutor em Linguística e Língua Portuguesa, Mestre em Linguística e Literatura moçambicana, Membro do Grupo de Pesquisa África-Brasil: produção de conhecimento, sociedade civil, desenvolvimento e Cidadania Global, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2061-9391>, E-mail: alextimbana@gmail.com

² Mestranda pelo Mestrado Interdisciplinar em História e Letras da Universidade Estadual do Ceará-MIHL- UECE. Possui graduação em Letras-Português pela Universidade Estadual do Ceará (2016), Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2009), Especialização em Metodologia do Ensino de História pela Universidade Estadual do Ceará (2011). Integra o Grupo de Pesquisa em Análise do Discurso Crítica: representações, ideologias e letramentos (UECE/CNPq). Especialização em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (2022) pela Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. E-mail: valdileners2031@gmail.com

Introdução

A África é um continente, muitas vezes, confundido como um país, disseminado entre os Ocidentais como homogêneo. Porém, muitas mudanças vêm ocorrendo com o objetivo de desconstruir essa “versão” disseminada pelos imperialistas. As pesquisas, por exemplo, têm esse papel de mostrar a versão dos africanos e africanas em seus diversos países.

A África foi fatiada, explorada e colonizada pelos europeus, e entendamos aqui no sentido estrito e metafórico, de cortar, sangrar, provocar dores, dividir grupos e humilhar. Está clara que a escravização tinha a ideia de humilhar e transformar o ser humano em animal de trabalho, de um objeto. O colonialismo teve o desejo profundo de apagamento das culturas africanas como estratégias para dominação. Esse processo colonial se estabeleceu desde o século XV. Uma tentativa de esvaziamento de sentido foi aplicada em todas as áreas. Segundo Augel (2005) a identidade do colonizado foi completamente negada, dita como inferior. Significa que os africanos não tinham História, civilização, línguas, cultura nem tradições e precisavam (na ideia do colonizador) de ser civilizados.

Guiné-Bissau, oficialmente conhecida como a República da Guiné-Bissau, é um país da África Ocidental que faz fronteira com o Senegal ao norte, Guiné ao sul e ao leste e com o Oceano Atlântico a oeste. O território guineense abrange 36125 km², com uma população estimada de 1,6 milhão de pessoas. É um país composto por povos do grupo bantu, com várias etnias, práticas culturais e línguas. O português é língua oficial, falada por 27,1% da população como língua materna, segundo Cá e Timbane (2021), sendo as línguas fula (28,5%), balanta (22,5%), mandinga (14,7%) e papel (9,1%) como as que são mais faladas como línguas maternas. O kriol (o guineense) é uma língua franca, de interação entre os diversos grupos étnicos (MANUEL, TIMBANE, 2018).

Escrever e ler é para poucos na Guiné-Bissau, pois os dados do Instituto Nacional de Estatística apontam para 43,7% dos bissau-guineenses nunca frequentou a escola (CA, TIMBANE, 2021). O povo é de tradição oral e a escrita é recente e chegou com a LP e a colonização. A literatura também é recente e iniciou durante a luta de libertação e hoje procura ocupar o seu espaço no âmbito internacional. A escrita feminina é rara, porém importante para a busca da identidade bissau-guineense. Diante desse contexto, sobre a identidade do feminino interligada ao místico como identidade cultural de Guiné- Bissau, que

perpassa a escrita literária de Odete Semedo em “No fundo do Canto”.

A escritora Odete Semedo é bissau-guineense, política, professora universitária, investigadora e sobretudo escritora feminista. Segundo Semedo (2010) a oratura (a expressão da oralidade), é uma das marcas das tradições bissau-guineense, ressaltando ainda as dificuldades que tivera ao investigar as “cantigas de dito”, as “mandjuandadi”, enquanto documentos escritos. Além disso, resalta os materiais recebidos de Augel, como a “Literatura dos negros: contos, cantigas e parábolas”

Semedo (2010) escreveu em sua tese “As mandjuandadi- Cantigas de Mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura” debatendo acerca desse feminino por meio dessas cantigas. As cantigas expressam a cultura local através da coletividade de mulheres que exprimem o amor, a dor, a felicidade, etc. A pesquisa de Leite (2014) intitulada “A literatura Guineense: contribuição para a identidade da nação”, também destaca as dificuldades de se escrever sobre a literatura local, devido à escassez de fontes escritas. Além disso, pôde se observar a escassez de mulheres na literatura. As primeiras escritoras são: Eunice Borges, Domingas Samy e Odete Semedo.

Então, diante dessas lacunas indagamos sobre como a identidade cultural da Guiné Bissau é expressa em “No Fundo do Canto” a partir do feminino atrelado ao místico? Qual o papel da língua Crioula enquanto representação da cultura de Guiné- Bissau na expressão das atuações femininas e místicas?

Num livro com memórias de guerra, que é o caso de “No Fundo do Canto” é possível encontrarmos outras nuances da identidade e ou identidades locais a partir do feminino e do místico. Há marcas das divindades nesses poemas que podem mostrar formas culturais que remetem aos Guineenses. Além de trazer o papel das Mandjuandandi como importantíssimas como representantes das práticas culturais as quais trazem a identidade do país, assim, entrelaçando ritos e história. Uma segunda hipótese é a de que língua Crioula possibilita a formação de sentido a partir do seu léxico, da identidade cultural do país a partir do feminino como atuante das práticas culturais e de poder místico.

Assim temos como objetivo geral: investigar como a identidade cultural da Guiné- Bissau é expressa em “No Fundo do Canto” a partir do feminino atrelado ao místico. E como objetivo específico, a pesquisa visa: (i) identificar o papel da língua Crioula na representação da cultura de Guiné Bissau a partir das atuações

femininas e místicas; (ii) explicar o papel do feminino e do místico na atuação das práticas de identidade cultural de Guiné Bissau

De acordo com Couto e Embaló (2010, p.60) “Falar em literatura guineense é um tanto complicado” porque “a literatura em crioulo, que consta de narrativas orais tradicionais (storias), provérbios, adivinhas e outras manifestações da oratura ou oralitura.” Assim, esta pesquisa justifica-se pela possibilidade de apresentar outras nuances da obra “No Fundo do Canto”, de mostrar que além da guerra civil que se conta em sua poética, existe um “Canto” em que a identidade, a cultura se expressam e lutam para não ser apagadas, com enfoque a partir do feminino, e isso não foi objeto de estudo até então. Assim, possibilita outras pesquisas nesse itinerário. Sobretudo perceber os marcadores discursivos no que concerne ao feminino e ao místico na linguagem traçada por Semedo e assim lançar um olhar mais específico para as práticas culturais operacionalizadas por mulheres na Guiné-Bissau. Além de contribuir para a resistência das culturas perante as práticas da colonialidade, e de domínio imperialista.

Tem-se, portanto, o intuito de disseminar essas ideias, essa análise da obra a partir desse olhar em que o feminino é atuante ao mesmo tempo em que mescla nesse espaço, o místico que compõem aspectos culturais da Guiné-Bissau. Para realizar essa pesquisa foi necessário traçar um caminho metodológico, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter descritivo-exploratório e de procedimento documental.

O corpus que compõe essa pesquisa trata-se de trechos de nove poemas da obra “No Fundo do Canto” que remetem ao feminino e ao místico (sobrenatural) entrelaçados, toda a obra “No fundo do canto”, numa análise a partir da teoria Pós-colonial atrelada aos Estudos Culturais, observando a partir das categorias de identidade, língua e cultura. Para isso, dialogamos com Hall (2006), acerca de identidade, com Augel (2005) sobre Cultura e identidade Semedo (2011) acerca do feminino, Hampatê- Bâ (1982) sobre o místico como tradição e sobre a língua com Cá e Timbane (2021) e Manuel e Timbane (2018).

O artigo se divide em quatro partes: a primeira seção debate sobre Odete Semedo e a obra “No Fundo do Canto”, oferecendo ideias-base para a compreensão das análises. Seguidamente, discute-se os conceitos de língua e de identidade em contexto bissau-guineense compreendendo o contexto sociolinguístico do país. Depois, o artigo debate sobre o feminino e o místico que é

recorrente nas obras da literatura feminina de Odete Semedo. Em seguida, apresenta-se a metodologia e as análises da obra em destaque. O texto termina apresentando a conclusão e as referências utilizadas.

Odete Semedo e a obra “No fundo do canto”

Odete Semedo nasceu em Guiné Bissau em 1959, em clima de libertação do seu país, passou por momentos relacionados a guerras civis e guerrilhas. Para ela, a intensificação de elementos culturais e práticas culturais que fomente o sentimento de pertencimento é prioritário, sobretudo, no que concerne a língua, do entendimento de que a língua operacionaliza o poder, e representa culturas. Desse modo, a escrita dessa autora é permeada por elementos que remetem a cultura e a identidade do seu povo. Odete Semedo foi Ministra da Educação Nacional e Presidente da Comissão Nacional para a UNESCO.

Entre suas obras publicadas elenca-se “Entre o Ser e o Amar” (poesia), “Sobre histórias passadas que ouvi contar I” (contos), “Djenia Histórias que ouvi contar II”. “No Fundo do Canto” (poesia), na sua tese de doutorado debruçou-se sobre a história das mandjuandade e as canções de dito. Nas suas obras ela trata da História, culturas, sociedade e Literatura de Guiné -Bissau.

Acerca da obra a qual estamos analisando, “No Fundo do Canto”, é uma obra composta por 88 poemas, dos quais analisaremos nove. Essa obra trata da Guerra Civil ocorrida na Guiné-Bissau, de junho de 1998 a maio de 1999, inclusive há o número exato de dias descrito nessa obra. Odete Semedo, vivenciou esse momento, e transformou Oratura em literatura com características das canções de dito, as quais, tradicionalmente, eram criadas pelas mulheres que transformavam o cotidiano em canto, acompanhada aos sons das palmas.

Odete expõe na obra elementos do léxico da língua crioula (o guineense), que apresentam realidades próprias do país, e nesse contexto, as mulheres assumem junto com as divindades femininas lugares de poder, no sentido de serem incumbidas de realizações importantes para o país. A obra, tal como veremos nas análises, liga a literatura das tradições culturais revelando o lugar na mulher na identidade sociocultural e linguística bissau-guineense. Na próxima seção iremos apresentar e discutir os conceitos teóricos que fundamentam a pesquisa.

Língua e Identidade: o espelho da identidade cultural

Segundo Namone e Timbane (2018) a língua para os africanos não é entendida da mesma maneira que os ocidentais, pois, existem características muito peculiares a história dos países africanos, e isso recai sobre a língua. A língua é expressão da cultura e das identidades. É composta por códigos que permitem a intercompreensão entre os membros de uma comunidade linguística. A língua foi inventada para ser falada. Por isso a escrita é recente e chegou com modernidade.

Para o povo da Guiné-Bissau as línguas africanas são as mais importantes porque é com elas que se educa as novas gerações e se ensina das regras de ser e de estar em sociedade. Manuel e Timbane (2018) explicam como surgiu o kriol (guineense) e mostram como ela é fundamental para a comunicação entre etnias diferentes. Amílcar Cabral, grande líder político da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, elevou a importância do kriol desde a luta contra o colonialismo, fazendo que esta fosse língua de luta contra o poder colonial.

A língua portuguesa é a língua oficial de Guiné-Bissau, embora não tendo citado na Constituição, exercendo funções principais na educação, no funcionalismo público e na burocracia. Esta língua provoca “desigualdades sociais” (VICENTE, TIMBANE, 2017), pois é conhecida por poucos e exclui quem não for alfabetizado. Para entendermos melhor esses processos de formação da língua guineense, entendamos com Intipe e Timbane (2019):

[...] a palavra Kriol para designar a língua africana surgida durante o processo de colonização na Guiné- Bissau, língua essa que se formou a partir de base lexical portuguesa e base gramatical das diversas línguas africanas. O processo de empréstimos lexicais é normal em todas as línguas e é interessante compreender que o Kriol é uma língua natural, completa, com uma estrutura gramatical própria e, claro, diferente do português. [...] (INTIPE; TIMBANE.2019, p.1)

Portanto, depreende-se que a língua sofre mudanças e adaptações de acordo com as práticas sociais. Percebemos bem isso quando observamos que a dinâmica da História de Guiné- Bissau que reflete na língua, e se expressa melhor no kriol. A melhor forma de expressão é feita em kriol (guineense) e o português fica para situações mais formais da comunicação. Sabe-se que o português da Guiné-Bissau é diferente do português de Portugal. O estudo de Cá e Timbane (2021), ilustra isso revelando as particularidades da variedade local cheia de empréstimos léxico-semânticos e fonológicos vindos do guineense e das línguas bantu bissau-

guineense (CA, TIMBANE, 2021). Conforme Semedo (2011) toda oratura ou literatura apresenta peculiaridades de seu povo. Semedo tece uma crítica acerca da língua lusitana, a qual ela denomina, mas que não é representativa das culturas da Guiné-Bissau, pois não tem o estilo, a sintaxe própria de como um guineense cria a sua cultura. A autora indaga sobre como apresentaria **o amor** à maneira de seu país, do seu grupo étnico em uma língua de origem estrangeira, e que não os representa. Questiona "Como falar dos velhos? Das passadas antigas?", e de que forma irá transmitir esse legado se for a partir de uma realidade linguística que não seja a sua. Ao final, a autora responde categoricamente que a maneira de resistir será colocando as culturas de Guiné-Bissau a partir do crioulo, que os modos de existência próprio serão narrados a partir de suas raízes.

Desse modo, Semedo traz reflexões importantíssimas acerca de determinados fenômenos, e situações próprias do país que não poderia ser escrito em português, porque não comporia o real sentido das práticas locais de determinados grupos étnicos. Isso mostra que a língua é cultura e vice-versa onde há manifestações práticas socioculturais intraduzíveis.

Vejamos, que a história, de Guiné-Bissau se relaciona com o processo de invasão portuguesa, do processo de colonização, dos movimentos internos de migração, das trocas culturais, e sobretudo, a tentativa de manter vivas as tradições, como meio de não serem dominados, sucumbidos, e língua é poder, é dominação, conforme afirma o Grupo de colonialidade modernidade, que se formou no final dos anos de 1990, a partir de intelectuais da América-Latina. Aqui trazemos o conceito de **colonialidade**, que mesmo após independências, os países africanos sofrem com o domínio europeu em toda a estrutura, dentre elas, o campo do saber, conforme define Maldonado-Torres (2007) e da operacionalização desse poder através da língua. A proibição do uso das línguas autóctones e a oficialização do português reforça essa colonização permanente que ainda continua em contextos dos países africanos de língua portuguesa.

Santos (2019, p.119) afirma que "os textos assumem um papel de destaque para a investigação linguística, mas, especificamente, a localizada entre linguagem e sociedade, tendo em vista sua influência e abrangência nas relações humanas [...]". Desse modo, os textos, a sua formulação, permitem que significações sejam criadas, que as culturas locais possam ser destoadas. O léxico da língua oficial de determinado país pode não abarcar as especificidades locais,

e assim, criando outras maneiras de ser, não é à toa que as primeiras formas de dominação que se deram no país colonizados foi a imposição da língua do colonizador. O léxico carrega significados que por vezes são intransponíveis e seria por essa razão que Semedo mantém as palavras originais das línguas bantu ou do kriol em textos escritos em português.

Essas discussões trazem pontos cruciais para pensarmos a necessidade, importância e também a configuração que tomou o Kriol, na Guiné-Bissau, de como se reveste na identidade cultural e de como se processa, na identificação do feminino e de sua atuação nesse meio. E uma das marcas culturais na escrita desse país, como em outros de África, é a oralidade, as tradições, e os modos como isso repercutiu na escrita literária. A forma da escrita leva essas marcas. Vejamos como debate Hampâté- Bâ em "Tradição Viva" quando expõe a forma como os valores, as crenças, os saberes, são oriundos da oralidade, dentro de um sistema de regras e validade. Essa característica permeia toda a vida em sociedade desde que a criança nasce até à idade adulta.

Embasamo-nos também em Semedo (2011) quando traz o conceito de oratura como: [...] "Assim, equacionando as fontes sobre esse assunto, optamos por usar o termo oratura, para designar todos os textos da tradição oral, recolhidos e fixados pela escrita[...] (SEMEDO, 2011, p.60). Os modos como se expressa a cultura a partir da oralidade de mulheres na obra "Fundo do Canto", e o poder da palavra, elas trazem, e como se constrói esse texto poético envolvendo o kriol e o português, e as formas de significações expressa por ele. Para entendermos sobre como a língua e a identidade são interligadas. Agora teceremos discussões acerca do conceito de identidade.

Hall (2006) delinea o sentido de identidade no que ele concebe como pós-modernidade a partir do final do século XX. Ele afirma que há a identidade a partir de um sujeito do iluminista, normalmente já constituído, dotado de razão e era, sobretudo um sujeito masculino, a ideia desse sujeito como indivíduo. Do ponto de vista sociológico, Hall aponta uma identidade que se estabelece no contato com o coletivo, e de uma maneira mais estável. Já a identidade na pós modernidade trata-se de um sujeito numa sociedade globalizada, de mudanças rápidas, e que nesse contexto coexistem várias identidades e elas são fluídas.

Hall, postula sobre a questão de a industrialização ter requerido uma ideia de identidade homogênea. O autor traz a reflexão crítica de como as culturas em

sua diversidade étnica e religiosa foram transformadas na era moderna como dependentes de uma estado-nação com objetivo de formar uma identidade nacional, assim negando as especificidades coexistentes. Postulando uma única língua, uma unidade. Todavia, ele expressa, sobretudo os tempos atuais, do advento da internet, das tecnologias aplicadas ao mundo digital, e de que forma a aproximação cultural com outros países têm levado a esse itinerário, como forma de manter seguro aspectos da cultura nacional. Todavia pensemos em um contexto africano, de lutas para manter a diversidade, e essas vozes coexistirem nas narrativas de seus espaços plurais.

De acordo com Santos e Timbane (2020, p.43), a identidade é “o conjunto de significações que são atribuídas pelo sujeito através da sua experiência diante de situações que se inscrevem em sua vida, já que se faz necessário no processo identitário a coesão entre meio/sujeito, passado/presente, entre o “Eu” e o “Outro”. Não existe uma só identidade. Cada sociedade apresenta identidades mais coletivas e outras individuais. A identidade deve ser afirmada ou reafirmada. Não se pode descartar a memória, como elemento fundamental para a manutenção da identidade. Analisando sobre “o vaivém das memórias em **olhos d’água**” de Conceição Evaristo, Silva e Conte afirmam que

A memória desencadeia não apenas as recordações de um passado histórico, contudo, recupera uma lembrança que contribui para uma construção feminina identitária negra, envolvida em subalternidade, que deixa o silêncio para dar lugar a uma voz significativa. Compreende-se que a memória é mesclada por lembranças de cada ser; entretanto, decorrida pelos pensamentos de um grupo (SILVA, CONTE, 2019, p.427).

Desse modo trazemos um conceito de Durando (1993) sobre o pertencimento étnico o qual ele atribui essa identificação dos grupos ao que um sistema cultural de determinado sistema econômico constrói, calcado por meio da língua comum, no que é problematizado por Jacob May (2016, [1998]) na obra “Identidade Língua e Etnia”, “existe língua comum”. Esse teórico entende a língua de forma abrangente, envolvendo as apropriações, por exemplo, que envolve os dialetos, assim, dos modos como a língua idioma é apropriada por diversos grupos. Importante essa ampliação de Jacob May, para pensarmos as significações próprias de determinadas línguas, ou em um sentido mais amplo, dos sentidos e formulações produzidos os quais criam identidades.

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso- um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto

nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (Veja Penguin Dictionary of Sociology: verbete "discourse"). As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "a nação", sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. [...]. (HALL, p.50-1, destaque do autor).

Manuel Ferreira (1992) em "A aventura moderna do português em África" expõe como era entendido o português para os Bissauenses, como dominação, com o passar do tempo passou a ser visto, que as línguas maternas não eram bem vistas pelo colonizador "[...] quer as de origem bantu, quer as de origem islâmica, quer os crioulos de base portuguesa, numa foram vistas com bons olhos pelo colonizador..." (FERREIRA, 1992, p.140). Sendo assim, os colonizadores não possibilitaram o ensino a partir dessas línguas locais, todo material escolar era produzido na língua do colonizador.

Um outro ponto relevante, acerca das lacunas na literatura de Guiné-Bissau, é que enquanto tradição oral, os escritos literários vieram após a escolarização. Segundo Deus e Carvalho (2021) afirmam que, a primeira escola oficial surgiu em Bolama somente em 1933 e um outro fator que eles consideram relevante para não escolarização foi a lei do indigenato de 1954 que impedia os nativos de frequentar a escola. Segundo os autores supracitados, atualmente o português é língua oficial, todavia utilizada para o ensino e administração. Mas o Crioulo guineense é língua mais falada, coexistindo com várias línguas orais representativas das várias etnias. Indica ainda que há autores que escrevem somente em crioulo, e outras optam por escrever nas duas, entretanto, ressalta que, um português africanizado.

Assim entendemos que a língua e a identidade estão intimamente interligados, que a luta pela inserção do lugar da língua local nos escritos, e na forma de comunicação oral tem sido fatores importantíssimos para que a colonialidade, ou seja, o poder colonial que ainda impera mesmo após a independência política, e que um dos mecanismos utilizados para a dominação é a língua, denota resistência, a tentativa de manter as pertencas dos diversos grupos que compõem Bissau, assim como manter uma diversidade linguística que comporte outras realidades de outros grupos étnicos, por isso entendemos os motivos de um país multilíngue como é Guiné-Bissau.

O feminino e o místico: debates teóricos

Pensar o místico em Guiné-Bissau é pensar as formas culturais dos diversos grupos em lidar com o sobrenatural, e isso se estabelece a partir da tradição oral, as quais Semedo caracteriza como a tradição oral entrelaçada ao místico conforme podemos observar: “Pode-se dizer que a tradição oral conjuga o material e o espiritual, o esotérico e o exotérico” (SEMEDO, 2011, p.57). O sentido de místico aqui introduzido revela uma maneira própria das culturas africanas lidar com as forças sobrenaturais, de forma que produza efeitos, e assim, percebemos que o místico é intrínseco a palavra, a oralidade. Bâ afirma que “A tradição africana, portanto, concebe a fala como um dom de Deus. Ela é ao mesmo tempo divina no descendente e sagrada no sentido ascendente” (BÂ, 1982, p.172).

O autor postula o significado de magia compreendido como operacionalizadora de mudanças, de acordo com o que é direcionado, destoando, portanto, do que se diz os ocidentais acerca da magia, como algo do mal. Assim, essas discussões permitem entender como aparece o elemento místico na poética em “Fundo do Canto”, capaz de apontar esse poder de mudar as situações ruins. Nisso evoca elementos místicos, de várias linhagens que se configura em símbolos de animais e da ligação com a natureza.

Essa palavra que tem o poder de ler o futuro é evocada por alguns seres femininos nessa obra, embora alguns dos espíritos, ou almas evocadas, não sejam todos femininos. Há alguns espíritos específicos que iremos tratá-los de forma mais detalhada na próxima seção. Vejamos com Bâ (1982, p.169, grifo do autor) sobre o poder que as palavras proferidas têm no poder de criação, e o seu caráter sagrado:

Nas tradições africanas- pelo menos nas que conheço e que dizem respeito a toda a região de savana ao sul do Saara-, a palavra falada se empossava, além de um valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas nelas depositadas. Agente mágico por excelência, grande vetor de forças etéreas, não era utilizada sem prudência.

A palavra traz uma mágica, quando expressa produz movimento, tendo, portanto, o poder de modificar as situações, de construir outras realidades, vejamos o que diz Bâ:

Mao Ngala, como se ensina, depositou em Maa as três potencialidades do poder, do querer e do saber, contida nos vinte elementos dos quais ele foi composto. Mas todas essas forças, das quais é herdeiro, permanecem silenciadas dentro dele. Ficam em estado de repouso até o instante em que a fala venha colocá-las em movimento. (BÂ, 1982, p.172).

Assim, a palavra e o místico formam um todo, um movimento de transformações das realidades, e isso veremos como se processa na escrita de Semedo em “No Fundo do Canto”, quando diante da eminência da guerra, e também no seu decorrer vários elementos místicos com a finalidade de mudar a situação, a qual é concebida como *mufunesa* (azar, desgraça) e que por meio da palavra mágica poderão mudar o desenrolar da trama. Agora, entendamos como o feminino se articula ao místico, mostrando qual o papel da mulher nessa relação cultural.

É necessário apresentarmos como se deu os primeiros escritos femininos na literatura de Guiné-Bissau, é importante nos remetermos ao que já foi explicitado anteriormente, acerca das possibilidades de estudo em escolas regulares que só foi possível por volta dos anos de 1930 e de forma muito limitada, não era acessível a todos, junta-se a isso as características próprias de Guiné- Bissau, em que a oralidade é preponderante.

Semedo (2011) afirma que Marcelino Marques de Barros, foi o primeiro a transformar oralidade em escritos. Segundo Leite (2014), o primeiro escritor foi Barros, que escreveu em 1990 a obra “Literatura dos Negros, contos, cantigas e parábolas”, sendo a primeira participação de mulheres na Antologia poética da Guiné-Bissau, com Domingas Samy, escreveu “Desejada paz”, “Filho de África”, “Recordação Demolido”, “Por que Choras mamã”, “Arde o coração”, e “A casa de todos nós”, e Eunice Borges, com o poema “Mulher da minha terra”, “o nosso soldado” e “Manta da minha terra”

A ideia de nação comporta em Guiné-Bissau, várias etnias, as formas que se agrupam e seu modo de existência, por exemplo, os Fulas, os Mandigas, os Bijagós. E também os caminhos religiosos que tomaram, entremeados pelo Cristianismo, pelo Islamismo e as religiões locais. Com os intercâmbios culturais, provocados pela invasão dos colonizadores trouxe integrações em vários campos. Todavia, sem perder a essência do que é ser um bissau-guineense. Não podemos esquecer que as formas de sociabilidade são oriundas desses vários momentos na Guiné-Bissau, conforme apresenta Semedo (2011), sobre esse panorama histórico cultural.

Os movimentos de Guerra, de comercialização, tanto de corpos como de mercadorias, além do estabelecimento local de portugueses nas cidades de Cacheu, Bolama, por exemplo, repercutem nas formas de oralidade que se expressou na tradição das mandjuandade, Odete Semedo em sua tese de

doutorado, explicita sobre as mandjuande, e sobre as cantigas destas, chamada de canção de dito.

Assim, essas mulheres, vale ressaltar que a origem dessas canções se dá com elas, que observavam, vivenciavam e que também sentiam esse movimento da história do seu país, e assim transformava-se em poesia cantada. Das vivências do cotidiano, da mulher, por exemplo, que casava com português e continuava relegada da sociedade, (Tongoma), mas com o consolo de que a filha tomaria um lugar o qual para ela não era possível. Cantava-se os sofrimentos amorosos, o poder do místico, como também para alegrar. Semedo apresenta alguns nomes de mulheres guerreiras que lutaram em guerras, que estavam na luta pela independência. As mulheres amenizavam o que a guerra trazia de pior e assim, trazia alentos.

E em “No Fundo do Canto” traz uma narrativa da guerra civil em Bissau de 1999 a 199 a qual Odete Semedo vivenciou. Então o que ela apresenta são os sentimentos e lembranças da época vivenciada transformada, o que denota na escrita é um formato muito parecido com as canções de dito. O “Eu” lírico e a própria Semedo se entrelaçam como o que traz o experienciado. E nisso traz as diversas culturas que permeia seu país, os modos de sociabilidade, o místico, como preponderante, a mulher atrelada a esse místico, e suas atuações. A memória de Semedo, enquanto mulher, vai ao encontro do que Silva e Conte (2019) chamam de voz das mulheres negras, pobres e sem visibilidade e que lutam para o reconhecimento identitário.

Metodologia e análises: o corpus e resultados

Essa pesquisa é de abordagem qualitativa, porque trata-se de descrever e interpretar trechos dos poemas da obra “No Fundo do Canto”. De acordo com Flick, Apud Paiva (s.d.) a pesquisa qualitativa acontece no mundo real com o propósito de compreender, descrever e, algumas vezes, explicar fenômenos sociais, a partir de seu interior, de diferentes formas. Tais formas “incluem análise de experiências individuais ou coletivas, de interações, de documentos (textos, imagens, filmes ou música), etc. Esse tipo de pesquisa também chamado de pesquisa interpretativa ou naturalística.” (PAIVA, s.d, p.13).

O objetivo da pesquisa é descritivo- exploratório, pois descreve-se o fenômeno a partir dos poemas e depois interpreta-se com base nas teorias

debatidas no enquadramento teórico. Gil (2007), caracteriza a pesquisa exploratória como capaz de possibilitar uma maior familiaridade com o pesquisador, e dá exemplos como o levantamento bibliográfico, como também de análise que estimulem a compreensão. E acerca do objetivo descritivo, “Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos fenômenos de determinada realidade” (TRIVIÑOS, 1987, p.112), como por exemplo, a pesquisa documental.

Com relação aos procedimentos a pesquisa é documental. Quanto ao gênero é uma pesquisa prática. A pesquisa prática, segundo Paiva, “se caracteriza por intervir no contexto pesquisado se apoiando em conhecimentos científicos” (PAIVA, s.d., p.11). Sobre essas fontes de informação, é uma pesquisa primária porque “se baseia em dados coletados pelo próprio pesquisador[...]” (PAIVA, s.d., p.12).

O corpus/fontes que faz parte da nossa análise são os poemas da obra “No fundo do Canto” que apresentam a atuação feminina, em especial, as que estão vinculadas ao místico. Esse recorte se dá devido ao problema de pesquisa acerca do feminino e do místico na literatura. A escolha desta autora, desta obra e desses poemas se justifica pela importância que a literatura bissau-guineense tem na busca pelas identidades socioculturais. A escolha se justifica pela relevância da escritora na luta pelas igualdades na Guiné-Bissau. A cultura local tem excluído a mulher e poucas mulheres participam da vida política. A Samedo aparece como exemplo positivo para o feminismo na Guiné-Bissau e precisa de ser acarinhada e incentivada. A escolha deste material busca compreender o lugar da mulher na GB e na busca dos melhores caminhos para a luta pela igualdade e pela preservação das identidades. A seguir apresentaremos os procedimentos.

Dos 88 poemas que compõem a obra “No fundo do Canto ” mapeamos os poemas que trazem a atuação da mulher, sobretudo, atrelada ao místico. Depois escolhemos os trechos ou enunciados que tratam da atuação da mulher, os quais marcamos com negrito. Esses poemas receberam tratamento de acordo com a percepção de língua como identidade cultural, e de como a oratura feminina expressa nesses poemas. A oratura feminina em Samedo é uma **herança** da ancestralidade, segundo Silva e Cardoso (2019) e carrega memórias que ressignificam na cultura.

Resultados e discussões

Nessa seção iremos analisar os dados encontrados na obra “No Fundo do Canto”, dos 88 poemas foram encontrados nove (9) que tratam da mulher atrelada ao místico, a saber: (i) “E fez um poema sem palavras”, (ii) “A velha Mumoa manda a sua fala” (iii) “E então...” (iv) “Sons que se fizeram ouvir” (v) Tchilako na Tabanca (vi) “Invocando os Irans” (vii) “Tanta Súplica Evocou os Irans” (viii) “Bissau no banco dos réus” (ix) “Bissau toma a palavra”

Augel (2005) apresenta a literatura de Guiné-Bissau a partir dos Estudos Culturais e coloca a questão da identidade nacional configurada a partir da identidade individual e coletiva que se expressa sobretudo nos artefatos culturais. Couto e Embaló (2010) estudam as narrativas orais tradicionais analisando o intraduzível e o cultural relacionando a oralidade e a literatura bissau-guineense. A partir disso iremos analisar os trechos dos textos da obra “No Fundo do Canto”, de Odete Semedo, de como se configura a cultura nacional a partir do feminino místico nesses espaços. Ela também apresenta o cunho místico das sociedades africanas e precisamente da Guiné-Bissau, em que há o predomínio do animismo, há, portanto, as práticas sociais permeadas pelo poder sobrenatural, relacionando-os a natureza.

A autora explicita que os **irans** são figuras místicas muito importante na cultura desse país. Eles são conceituados de formas diferentes, por exemplo, Semedo os conceitua a partir da cultura popular, como forças que podem castigar, mas que também podem ajudar. Porém, deteve-se acerca dos irans na perspectiva do feminino.

Ela postula como elementos simbólicos são apropriados, de como dão sentido ao universo cultural, por exemplo, com esses marcadores aparecem no texto apresentando sentidos, de como constroem realidades identitárias nacionais. Com isso, e tendo por base Semedo, percebeu-se a forte atuação das mulheres na Guiné-Bissau, tanto na luta, como nas representações culturais envolvidas no místico. Observemos o trecho abaixo:

E fez um poema sem palavras

Numa manhã cinza com nuvens imitando gente chuva chorando ...
Quis fazer um poema, um poema raiz dos que marcam época **invocar as nharas e as sinharas, chorar o prenúncio que marcou o meu povo denunciar o desequilíbrio.** (SEMEDO, 2007, p.31)

Segundo Semedo, no glossário do livro estudado, as [nharas] e as [sinharas] significa senhora, a primeira contrastando com a segunda, de forma pejorativa.

Nesse excerto, podemos perceber que as participantes são evocadas, que elas são ligadas aos aspectos culturais do passado, e são para quem o Eu-lírico deseja desabafar.

No poema abaixo observamos a partir do título do poema que se trata de uma idosa que trará sua fala de sabedoria envolvendo diversos aspectos culturais. Desse modo, é imperativo trazermos o sentido de idade relacionado a sabedoria e respeito na maioria das tradições africanas. Timbane (2018) trata desses aspectos culturais, assim como Augel (2007), explicitando que a idade é um marcador cultural importantíssimo, há saberes vinculados a idade, portanto, os mais velhos têm funções muito específicas.

Inclusive, aqui no Brasil, o sociólogo brasileiro Reginaldo Prandi, em sua obra infanto-juvenil, sobre cultura afro-brasileira, "Ifá, o advinho" exemplifica bem isso, quando põe em evidência os aspectos culturais da sabedoria dos mais velhos a partir do personagem "ifá". Agora vejamos acerca da "Velha Mumoa":

A velha Mumoa manda a sua fala

A velha Mumoa que das coisas da vida parecia saber com os olhos na pobreza uma orelha no silêncio das matas e outra na *high society* quebrado pelo ruído babilônico do lugar comum e pelo zumbido do mundo ... Falou:

- Venham até mim

Eu sou o caminho aberto as minhas portas cheirando a incenso e alecrim estão franqueadas...

É o passo certo

Para o mundo recto

Não dou nada sem que em troca receba algo

Quem confiar nas suas forças e no seu jeito

Que se aproxime de mim e nada lhe faltará

Os fidalgos da economia são filhos meus

À voz da velha seguiu-se uma grande ansiedade

Movimentos

Corridas...

A feira virou mercado

O mercado virou mundo

Alguns perderam- se na imensidão no calor da multidão

A voz da velha continuou a chamar: - venham até mim

Eu sou a visão ou a evasão?

Eu sou o futuro

Ou um simples monturo?

Na sua nobre cadeira a velha mexeu- se

E voltou a mexer- se

Algo a perturbava

A cansa

A pobreza

A escuridão

Os desvios de procedimentos

A velha Mumoa calou - se

Quedou- se pensativa

E como sempre

Nobre e altiva

Pediu silêncio

À multidão:

Um distinto cidadão aproxima- se...
Eram passos de alguém de muito peso
Um gigante talvez
e vinha incisivo
Escutemos
(SEMEDO, 2007, p.40)

Entrelaça-se o poder da sabedoria feminina ligada a idade, e ao seu poder de mudar destinos. Quanto aos marcadores culturais que fazem parte do universo dessa mulher, por exemplo, as escolhas de [alecrim] e [incenso] utilizados em certos rituais relacionados ao sobrenatural. Junta-se a isso ao que alguns estudiosos comentam sobre o significado de Mumoa relacionando- a sigla UEMOA. Augel afirma que, com a “adoção do Franco da Comunidade Financeira da África, conhecido como Franco CFA, como moeda corrente”. (AUGEL,2005, p.67). E isso ficou denominado como União Económica e Monetária da África Ocidente- UEMOA. Isso gerou uma série de descontentamento local, de dúvidas, principalmente porque a moeda local ficou desvalorizada. Além disso, é perceptível, o que é atribuído a ela, para além do que já foi dito, a personificação do mercado, dessa UEMOA, que não é evidente, gera dúvidas. Observemos esses traços de poder e incerteza que permeia essa “senhora”:

E então...

Todos de olhos postos na velha Mumoa com ansiedade à espera de um dia novo interrogação
entre si
Como caminhar no escuro
Como dar o que não se tem
Como ter o que não se construiu [...]
(SEMEDO, 2007, p. 43)

Nesse próximo que iremos analisar evidenciaremos o fazer das “mandjuandadi”. Das práticas culturais de cantar a vida, seja nos seus bons ou maus momentos. Semedo (2011) se debruça em sua pesquisa de doutorado sobre a atuação delas. Explica sobre o que são as canções de dito. De como se traz para essas cantigas, aspectos das culturas de Guiné-Bissau, inclusive, a própria elaboração dessa obra analisada é uma forma de expressão das canções de dito. E em meio ao vendaval porque passa Semedo e os seus no contexto da Guerra Civil ela produz esse eu-lírico que busca na memória os momentos agradáveis vivenciado pelas mandjuandade através das canções.

Sons que se fizeram ouvir

Pum- tun... tu – tun
Tun- tun... bum- bum...
FFSS...ffssssss BUMm...!
Não são sons do pilão

Nem sons de tina e cabaça
À espera de palmos
Para responder às cantigas
De mandjuandadi
(SEMEDO, 2007, p. 47)

No poema abaixo, complementa-se ao que Semedo (2007) coloca em evidência, que são as mulheres que se lançam a arte de cantar as sociabilidades, o cotidiano, e nesse poema recorre-se a metaforização, quando compara as mandjuas ao cantar do pássaro Tchilako:

Tchilako na Tabanca

Puxa- me estou a pedir uma corda
Boca de Tchilako
Lá vem ela bamboleando pedinte de meia tigela
Mandjuas já te haviam cantado
Vem com calma
Não corras tanto
O que for para ti
Deus é seu guarda
(SEMEDO, 2007, p.52)

Os irans permeiam toda a obra, são evocados para acabar com a "desgraça" que assola Guiné-Bissau, então há várias reuniões, cada um tem seu totem, um significado atrelado aos animais, há predominância de onças, jibóias. Todos pertencem a uma linhagem, protege determinadas famílias, existe um laço muito forte entre os vivos e os mortos, e a atuação desses seres sobrenaturais como capazes de operar mudanças, na verdade, reger a vida dos seres humanos, essas crenças, segundo Augel (2007) são muito fortes em Guiné-Bissau, e por isso observamos a força que tomam na obra de Semedo. Entretanto, Semedo, especifica o feminino de alguns desses irans, analisemos abaixo:

Invocando os Irans

Tanto desespero tanta súplica e evocação para dar em nada
Será provação
Praga
Ou promessa não paga?
Onde estarão os defuntos
Da nossa djorson
Nossos titãs
Onde se terão escondido **asalmas e irans**
De **Kombiana** e de **Forombol**
Protetores de mulheres e crianças
Nossas crenças
Estarão envergonhados?
Cegos
Impotentes
Ou bêbados?
Com devoção todos juntaram as suas vozes numa invocação
(SEMEDO, 2007, p.83)

Nessa invocação dos irans, o eu-lírico apresenta as irans que protegem as crianças e as mulheres, [Forombal], por exemplo, pertence a floresta, e está ligada a fertilidade, por isso recorre-se a elas para proteção de mulheres e crianças. Nesse poema, as [Katanderas], que são as auxiliares das sacerdotisas que servem nas balobas farão parte da reunião para decidir os rumos do país, **“Tanta Súplica Evocou os Irans** “As sete djorson de Bissau estarão presentes as almas das Katanderas estarão presentes” (SEMEDO, 2007, p.87). Mais uma vez apresenta como os elementos místicos são participantes de todos os âmbitos da sociedade guineense, e além disso, a mulher como portadora de poderes mágicos, que se posiciona em questões importantes para o seu povo. O que se nota é que as mulheres estão em vários espaços de poder, nessa composição poética, os objetos culturais, o material e imaterial que tomam sentido a partir do movimento dessas mulheres.

Alguns dos marcadores muito utilizados por Semedo é a imagem da grávida, como iremos observar no poema abaixo. Essa grávida traz os filhos ao mundo que tomarão rumos diferentes, inclusive fazendo parte do espaço dos irans, os quais irão proteger a linhagens de Guiné-Bissau, essa também que é vinculada a ideia de mãe de todos. É possível que essa grávida seja a própria Bissau, com a multiplicidade de filhos, de com maneiras de ser bem diferente. Observemos:

Bissau no banco dos réus
Da barriga duma parida
Saem filhos
Corre em cada um o mesmo sangue
Pecadores defuntos
Asalmas ou serpentes
Todos eles diferentes
No tamanho
No sentir
E no contar as coisas da vida
São como os cinco dedos de uma mão
Os defuntos asalmas e os irans
Protectores das djorson da Guiné [...]
(SEMEDO, 2007, p.98)

Voltando ao primeiro momento dos poemas em que vem a figura da mulher, sendo a idosa, a sábia, agora ao fechamento da reunião com os Irans, para as decisões finais sobre os rumos do país recorre-se a mais velha para participar, trazer sua sabedoria. Isso remete mais uma vez ao valor que se tem aos mais velhos.

Bissau invoca a Guiné
... **chama a mais velha**
Que se junte à nós
Muitos não foram lembrados, mas vieram

Vieram saciar os seus olhos
Fartar os seus ouvidos
Deixar as nossas línguas
Baterem palmas
(SEMEDO, 2007, p.99)

E por fim nesse último poema que apresenta a atuação da mulher traz uma representação do espaço geográfico da Guiné-Bissau e junto a isso a Forombal, floresta protegida pelas irans da fertilidade. Vejamos o exemplo a seguir:

Bissau toma a palavra
[...]Cacheu rio
Cacheu cidade
Cacheu de Forombal e Kobiana
Salgado
Rabugento
Ondas esbofeteando baluarte
Ecos matando
Com arte a cidade velha[...]
(SEMEDO, 2007, p.103)

Na obra de Smedo se observa o respeito pela natureza, pelas tradições e pela cultura. Uma vez que as obras literárias se baseiam na oratura, observa-se um respeito da autora com relação com ao imaginário. Smedo não consegue se distanciar do real, do tradicional, do místico e, sobretudo das práticas que caracterizam o seu ser. Aqui entra em jogo a educação tradicional que é o fundamento das práticas culturais. A criança desde pequena aprende como deve se comportar perante a família e perante a sociedade. Estas marcas socioculturais acompanham a arte literária e a busca permanente da identidade.

Desta feita, as poesias selecionadas para a presente pesquisa elucidam a profundidade do valor que a cultura tem perante uma determinada sociedade. Fechamos estes argumentos refletindo que a obra de Smedo seria material importante nas escolas brasileiras, especialmente na implementação da Lei nº 10.639/2003, que versa sobre a relevância do estudo da História, da Literatura e da Cultura Africana e Afro-brasileira. O estudo desta literatura resgata a diáspora negra e liga a cultura dos seus ancestrais (SILVA, CARDOSO, 2019).

Considerações finais

A preservação da identidade cultural é um fator de resistência frente a colonialidade, conforme Augel (2005). E a língua é um meio importantíssimo para que se traga identidades, para que se crie sentidos peculiares nas realidades de determinados locais, e assim possibilite um sentimento de pertencimento.

Pensarmos a língua como instrumento de poder é primordial para que pensemos o modo pelo qual ela é utilizada em diversas situações históricas a serviço de quem detém poder.

Com isso percebemos que Semedo, ao construir sua poesia, ela preza por significar por meio da palavra as vivências em Guiné-Bissau em Crioulo. Ela traz os participantes na composição poética, através do feminino em que configuram o poder através de figuras místicas femininas que tem o poder de mudar situações. E mesmo o feminino que não está ligado a divindades aparece em um lugar de poder, de posicionamento e apresentando as culturas de Guiné-Bissau, no caso específico da obra em estudo, as mandjuande, que cantam as histórias do país, do cotidiano, que envolto a elas existe, o som, o ritmo, a expressividade, para representar diversos momentos da vida.

Assim, ressaltamos que a obra “No Fundo do Canto” mesmo em face de ter como contexto a guerra cível de 1998 a 1999, ela se preocupa em mostrar as identidades culturais, de colocar em ênfase o poder feminino atrelado ao místico como capaz de mudar a situação, além das mandjuandade, as que cantam e encantam até mesmo nos dias mais tenebrosos. Ademais, o léxico é muito rico em apresentar em crioulo essas práticas que não poderiam ser narradas em outra língua.

O aspecto linguístico é fundamental na obra de Semedo, especialmente o uso do kriol, assim como o jogo de palavras de efeito: “falei de homem-bicho”/ outros falaram de bicho-homem”. O jogo de palavras não é apenas do imaginário, mas também dá enfoque ao real e é por isso que cita países africanos, cita fenômenos, cita manifestações culturais, cita objetivos e atitudes reais do seu povo. Conclui-se que os objetivos previstos para a presente pesquisa foram alcançados. Foi possível identificar na obra a presença feminina principalmente atrelada ao místico, de forma a remeter o poder feminino, como também demonstrar características culturais de Guiné-Bissau, tendo a língua como propiciadora de formações léxico-semânticos que remetem as culturas do país.

Referências

AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombro**: a literatura guineense e a Narração da nação. 2005. 387p. (Tese) Doutorado em Literatura Portuguesa, na especialidade das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

COUTO, Hildo Honório do; EMBALO, Filomena. **Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau: um país da CPLP**. Brasília: Editora Thesaurus, nº20, 2010.

DEUS, Paula Lilian Serra; CARVALHO, Wellington Marçal de. A literatura em Guiné-Bissau. **LiterÁfricas**. 2021. Disponível em: www.lettras.ufmg.br/LiterÁfricas/literaturada.

FERREIRA, Manuel. A aventura moderna do português em África. **Discursos**, Vol. 9, p.139-153, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

INTIPE, Bernardo Alexandre; TIMBANE, Alexandre António. O papel do crioulo nas narrativas guineenses: aspectos sócio-históricos. **Revista Coralina**. Cidade de Goiás, vol.1, n. 2, p. 36-46, jul. 2019.

LEITE, Joaquim Eduardo Bessa da Costa. **A literatura guineense: contribuição para a identidade da nação**. 2014. (Tese) Doutoramento em Letras, área de Línguas e Literaturas Modernas, especialidade de Literaturas dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014.

MANUEL, Cátia; TIMBANE, Alexandre António. O crioulo da Guiné-Bissau é uma língua de base portuguesa? embate sobre os conceitos. **Revista de Letras Juçara**, Caxias, Maranhão, v. 02, n. 02, p. 107-126, dez. 2018. <https://doi.org/10.18817/rlj.v2i2.1758>

MEY, L. Jacob. SIGNORINI, Inês (Org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado** - Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1998, p 7-89.

NAMONE, Dabana; TIMBANE, Alexandre António. Tensão entre escrita e oralidade no ensino-aprendizagem do português na etnia balanta brassa (Tombali) da Guiné Bissau. **Revista Entre parênteses**. Alfenas- MG., vol.1, nº7, s.p., p. 2018. <https://doi.org/10.32988/rep.v1i7.846>

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, s.d.

PRANDI, Reginaldo. Ilustrador Pedro Rafael. **Ifá, o Adivinho**. São Paulo. Companhia das Letrinhas, 2002.

SEMEDO, Odete Costa. **Guiné- Bissau: história, culturas, sociedade e literatura**. Belo Horizonte: Nadyala, 2010.

HAMPATÊ-BÂ. Tradição Viva. In: KI- ZERBO, Joseph (Coord.). **História Geral da África**. S. Paulo: Ática; Paris: UNESCO, V. I. Metodologia e pré-história da África. 1982.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Tradução de Thomaz Tadeu da Silva, Guraciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Ed. DP e A. 2006.

MALDONADO-TORRES, Nelson. On the coloniality of being: contributions to the development of a concept. **Cultural Studies**. Taylor & Francis, vol. 21, nº 2 e 3, p.240-270, mar./mai. 2007. <https://doi.org/10.1080/09502380601162548>

SANTOS, Gersiney. Linguagem e Decolonialidade: discursos e(m) resistência na

trilha da aquilombagem crítica. In: RESENDE, Viviane de Melo. (Org.). **Decolonizar os estudos críticos do discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

SANTOS, Ivonete da Silva; TIMBANE, Alexandre António. **A identidade linguística brasileira e portuguesa**: duas pátrias, uma mesma língua. Curitiba: Appris, 2020.

SEMEDO, Odete Costa. **No fundo do canto**. Belo Horizonte: Nandyala, 2007.

SILVA, Elen Karla Sousa da.; CARDOSO, Sebastião Marques. Conceição Evaristo: da mulher negra à escritora. **Afro-Ásia**, vol.59, p. 77-101, 2019. <https://doi.org/10.9771/aa.v0i59.22702>

SILVA, Elen Karla Sousa da.; CONTE, Daniel. O vaivém das memórias em olhos d'água, de Conceição Evaristo. **Fólio-Revista de Letras**. Vitória da Conquista. Vol.11, nº2, p.423- 434. jul./dez.2019. <https://doi.org/10.22481/folio.v11i2.5527>

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VICENTE, José Gil; TIMBANE, Alexandre António. Políticas públicas e linguísticas: estratégias e desafios no combate às desigualdades sociais em Moçambique. **Revista Brasileira de Estudos Africanos**.vol.2, nº4, p.114-140, jul./dez.2017. <https://doi.org/10.22456/2448-3923.75794>